

Descrições, transferências e notas em Apomecynini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae)

Ubirajara R. Martins^{1, 3}

Maria Helena M. Galileo^{2, 3}

ABSTRACT. Descriptions, transferences and notes on Apomecynini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). The following new species are described from Brazil: *Falsischnolea apicalis* sp. n., *Dorcasta singularis* sp. n. and *Paraesylacris candida* sp. n. and from Venezuela: *Amphicnaeia piriana* sp. n. and *A. zonata* sp. n. New synonyms established: *Acestrilla apicalis* Breuning, 1942 and *A. strandiella* Breuning, 1943 = *A. minima* Bates, 1885. *Bisaltes acutipennis* Thomson, 1868 is transferred to the genus *Ataxia* Haldeman, 1847 (Pteropliini). *Falsestola* Breuning, 1940 is considered a synonym of *Hesycha* Fairmaire & Germain, 1859 and transferred to the tribe Onciderini. *Hesycha ocellifera* Martins & Galileo, 1990 is synonymized with *Hesycha inermicollis* (Breuning, 1940).

KEY WORDS. Apomecynini, Onciderini, Pteropliini, new species, synonym, transference

Espécies americanas da tribo Apomecynini foram revistas por BREUNING (1971) que apresentou chave para gêneros e redescritções de todas as espécies. Examinou-se o material desta tribo pertencente ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, São Paulo (MZSP), ao Museu de Ciências Naturais, Porto Alegre (MCNZ) e à Facultad de Agronomia Universidad Central de Venezuela, Maracay (MIZA) e chegou-se a algumas observações que são publicadas a seguir.

Apomecynini

Acestrilla minima Bates, 1885

Acestrilla minima Bates, 1885: 350, est. 22, fig. 12; Monné, 1994a: 2 (cat).

Acestrilla strandiella Breuning, 1942: 140. **Syn. n.**

Acestrilla annulicornis Breuning, 1943: 38. **Syn. n.**

A espécie-tipo do gênero *Acestrilla* Bates, 1885, *A. minima* Bates, 1885, foi descrita originalmente da Guatemala, Vera Paz, Panima e do Panamá, Chiriqui, Vulcão Chiriqui. CHEMSAK & LINSLEY (1970), ao designar lectótipo, restringiram a localidade-tipo para Vulcão Chiriqui. BREUNING (1971: 214) reviu as espécies de *Acestrilla* e assinalou *A. minima* para o Brasil (Rio de Janeiro e Nova Friburgo).

1) Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42649, 04299-970 São Paulo, São Paulo, Brasil.

2) Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Caixa Postal 1188, 90001-970 Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: galileo@pampa.tche.br

3) Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

No mesmo trabalho, BREUNING (1971: 213) apresentou chave para identificar as três espécies de *Acestrilla*: *A. minima*, *A. strandiella* Breuning, 1942 e *A. annulicornis* Breuning, 1943. Para distinguir *A. minima* das outras duas espécies utilizou o comprimento do antenômero IV em relação ao V: igual ao V para *A. minima* e um pouco mais longo que o V para *A. annulicornis* e *A. strandiella*. Esse caráter não parece consistente e é de difícil avaliação, o que justifica a sinonímia proposta.

Para diferenciar *A. strandiella* de *A. annulicornis* foram utilizados a cor da borda anterior do pronoto e a cor dos élitros. Ambas as espécies foram descritas de Santa Catarina e verificou-se que essas cores variam bastante. Portanto, considerou-se apropriado considerá-las coespecíficas.

Material examinado. BRASIL, *Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro, fêmea, Acc. 2966 (ret. do CMNH, MCNZ). *Santa Catarina*: Ilha do Arvoredo, 2 fêmeas, X.1994, A. Franceschini leg. (MCNZ); Rancho Queimado, macho, X.1994, L. Moura leg. (MCNZ); macho, XI.1994, L. Moura leg. (MCNZ); macho, 2 fêmeas, XI.1995, L. Moura leg. (MCNZ). *Rio Grande do Sul*: Itaúba (Ponto 10), macho, X.1999, Franceschini, Bonaldo & Silva leg. (MCNZ).

Falsischnolea apicalis sp. n.

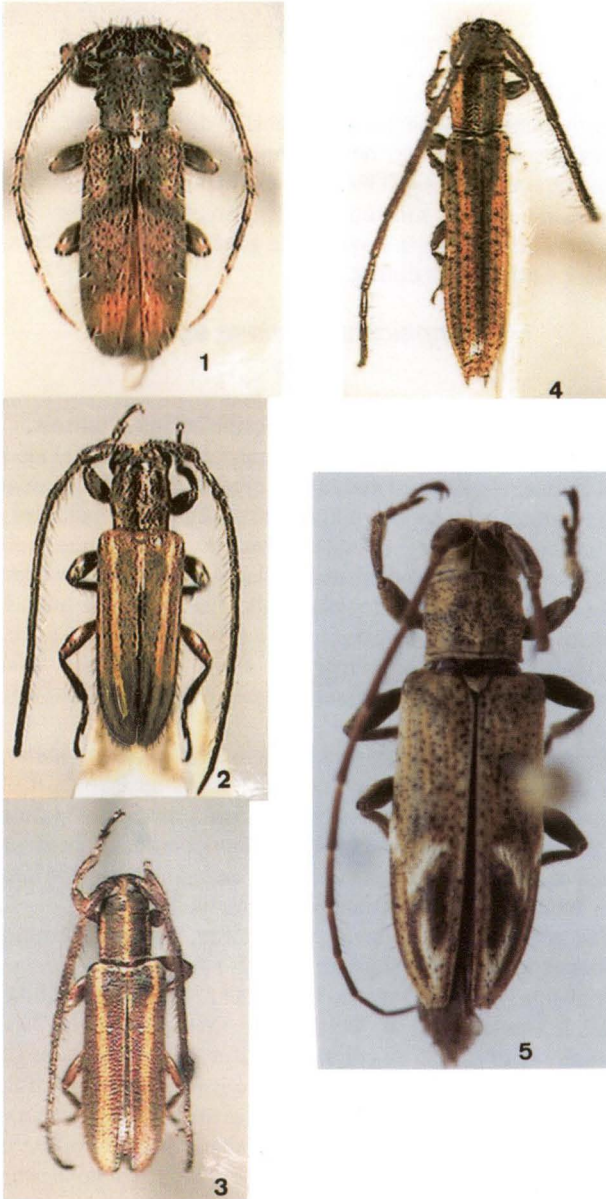
Fig. 1

Cabeça com tegumento castanho-avermelhado. Fronte e vértice com pontuação alveolada (32x). Pequeno tufo de pubescência branca entre os tubérculos anteníferos. Lobos oculares superiores pouco mais distantes entre si do que a largura de um lobo; lobos oculares inferiores com o dobro do comprimento das genas. Antenas avermelhadas, o escapo mais escuro com comprimento subigual ao do corpo nos dois sexos. Antenômero IV mais longo do que o III. Protórax castanho-avermelhado. Pronoto com faixa central de pubescência branca no terço basal; com pontos moderadamente esparsos (40x) e alguns pêlos brancos, esparsos. Escutelo revestido por pubescência branca densa. Élitros vermelho-acastanhados; triângulo basal, circum-escutelar, indistintamente mais escurecido; terço apical alaranjado. Élitros com longas setas escuras e brancas; inteiramente recobertos por pubescência esbranquiçada uniforme. Pernas avermelhadas com longos pêlos esbranquiçados.

Dimensões mm, respectivamente macho/fêmea. Comprimento do protórax, 1,0-1,2/1,1-1,4; maior largura do protórax, 1,0-1,2/1,2-1,5; comprimento do élitro, 2,9-3,6/3,5-4,3; largura umeral, 1,2-1,5/1,5-1,8.

Material-tipo. Holótipo fêmea, BRASIL, *Espírito Santo*: Linhares, XI.1972, P.C. Elias leg. (MZSP). Parátipos – fêmea, mesmos dados do holótipo (MZSP); 2 fêmeas, 4 machos, mesma localidade, X.1972, mesmo coletor (MZSP); macho, mesma localidade, XII.1972, mesmo coletor (MCNZ).

Discussão. *Falsischnolea apicalis* assemelha-se a *F. flavoapicalis*, que apresenta uma mancha alaranjada ante-apical e uma pubescência acinzentada concentrada numa faixa oblíqua que percorre a metade anterior dos élitros dos úmeros até a sutura. Em *F. apicalis*, a mancha alaranjada ocupa todo o terço apical dos élitros e a pubescência da metade anterior é esbranquiçada uniformemente distribuída.



Figs 1-5. (1) *Falsischnolea apicalis*, parátipo fêmea, Linhares, Espírito Santo, Brasil, comprimento 5,9 mm; (2) *Amphicnaeia piriana*, holótipo macho, Rancho Grande, Aragua, Venezuela, comprimento 5,4 mm; (3) *Amphicnaeia zonata*, holótipo fêmea, Rancho Grande, Aragua, Venezuela, comprimento 7,8 mm; (4) *Dorcasta singularis*, holótipo macho Dianópolis, Goiás, Brasil, comprimento 7,6 mm; (5) *Paraesylacris candida*, holótipo fêmea, Xapuri (Pimenteira), Acre, Brasil, comprimento, 10,0 mm.

Amphicnaeia Bates, 1866

Amphicnaeia Bates, 1866: 32; Monné, 1994a: 3 (cat.).

O gênero reunia 17 espécies até o trabalho de MARTINS & GALILEO (1999) quando foi descrita *A. flavescens* da Colômbia amazônica. GALILEO & MARTINS (no prelo) revalidaram três espécies e descreveram mais cinco, quatro da Mata Atlântica no Brasil e uma, *A. tate*, do Equador. Ao estudar-se o material da MIZA, descobriu-se mais duas espécies novas deste gênero, ambas com faixas longitudinais, contínuas e estreitas nos élitros.

Amphicnaeia piriana sp. n.

Fig. 2

Etimologia. Tupi, *piriana* = listado, alusivo às faixas elitrais.

Tegumento castanho-avermelhado, recoberto por pilosidade acastanhada. Metafêmures com a metade basal mais avermelhada. Pubescência amarelada reveste: genas, área estreita ao redor dos olhos, vértice (entre os tubérculos anteníferos), faixa atrás dos olhos; faixa longitudinal nos lados do protórax que se continua pelos mesepimeros, mesepisternos, metepisternos, lados do metasterno e lados dos uros-ternitos; pronoto com três faixas longitudinais, duas laterais e uma, mais estreita, central; escutelo; cada élitro com estreita faixa sutural da base ao terço apical; faixa longitudinal, que se inicia entre o úmero e o escutelo e atinge o ápice; uma faixa sobre a declividade lateral do terço basal até quase o ápice; borda apical com estreita faixa em forma de V.

Fronte com duas sencilas junto à borda interna dos lobos oculares inferiores. Vértice com duas sencilas junto aos lobos oculares superiores. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídeos mais próximos entre si do que a largura de um lobo. Protórax sem espículo lateral. Pronoto pontuado, com quatro sencilas equidistantes a cada lado, inseridas no interior da faixa amarelada lateral. Metatarsômeros com dois terços do comprimento das metatíbias.

Dimensões (mm). Comprimento do protórax, 1,1; maior largura do protórax, 1,1; comprimento do élitro, 4,0; largura umeral, 1,6.

Material-tipo. Holótipo macho, VENEZUELA, *Aragua*: Rancho Grande (1100 m), 8.XI.1967, F. Fernandez & B. Villasnil leg. (MIZA).

Discussão. Pelo padrão de colorido, *A. piriana* assemelha-se a *A. flavescens* Martins & Galileo, 1999. Difere, segundo a descrição, pela faixa elitral, estreita, que se inicia entre o úmero e o escutelo e prolonga-se até a ponta; pela faixa sutural que também percorre todo élitro; pelas bases dos metafêmures avermelhadas. Em *A. flavescens* a faixa que se inicia entre o úmero e o escutelo e a faixa sutural terminam no meio do élitro e os metafêmures são unicolors.

Distingue-se de *A. albovittata* Breuning, 1971, descrita do Rio de Janeiro, por não apresentar faixa longitudinal, larga, junto da sutura. Em *A. piriana* a faixa mais larga dos élitros inicia-se entre o úmero e o escutelo.

Amphicnaeia piriana e *A. quinquevittata* apresentam cinco faixas claras longitudinais nos élitros e assemelham-se bastante. *Amphicnaeia piriana* apresenta uma faixa longitudinal na declividade lateral do élitro entre a faixa dorsal e a faixa

marginal e não tem faixa junto ao friso marginal. Em *A. quinquevittata* Bates, 1885, não existe faixa longitudinal entre a faixa dorsal e a faixa marginal.

Amphicnaeia zonata sp. n.

Fig. 3

Tegumento vermelho-acastanhado. Cabeça revestida por pubescência castanha com algum reflexo púrpura; pubescência amarelada reveste a parte inferior da fronte, faixa atrás dos olhos e estreita faixa longitudinal que percorre o vértice. Lobos oculares inferiores mais longos do que as genas. Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Tubérculos anteníferos salientes. Antenas inteiramente castanho-avermelhadas, atingem as extremidades elitrais na ponta do antenômero X. Antenômeros II a XI (especialmente os III a V) com franja de pêlos pretos, muito densa, no lado inferior. Escapo com tegumento avermelhado no lado externo do terço apical.

Pronoto com três faixas longitudinais de pubescência amarelada, estreitas e da mesma largura: uma no meio do dorso e duas laterais. Lados do protórax com faixa larga de pubescência amarelada, que se continua para a parte posterior pelo mesepimero, mesepisterno, metepimero, metepisterno e lados dos urosternitos. Escutelo revestido por pubescência amarelada.

Élitros com pubescência arroxeadada com reflexos iridescentes. Friso sutural revestido, estreitamente, por pubescência amarelada; uma faixa amarela que se inicia entre o úmero e o escutelo (mais próxima daquele), relativamente larga, vai até ápice; uma terceira faixa, também amarelada, junto ao friso marginal do quarto anterior ao ápice onde se une com a faixa dorsal. Extremidades elitrais arredondadas. Setas pretas localizadas principalmente na metade apical dos élitros. Profêmures fusiformes; meso- e metafêmures, sem setas, pedunculados e clavados. Tíbias e tarsos avermelhados.

Dimensões, em mm. Comprimento do protórax, 1,3; maior largura do protórax, 1,4; comprimento do élitro, 5,9; largura umeral, 2,0.

Material-tipo. Holótipo fêmea, VENEZUELA, *Aragua*: Rancho Grande (1100 m), 18.VII.1949, F. Fernandez & P. Fenize *leg.* (MIZA).

Discussão. *Amphicnaeia zonata* difere de *A. quinquevittata* Bates, 1885 pelas faixas elitrais: a sutural restringe-se ao friso e entre as faixas dorsal e lateral não existe faixa; em *A. quinquevittata* a faixa sutural é mais larga e avança além do friso, e encontra-se uma faixa adicional entre a faixa dorsal e a lateral (BREUNING 1971: 221).

Em *A. bivittata* Melzer, 1933, que tem desenho elitral semelhante, a região pós-ocular e o pronoto têm os lados com pubescência rósea. Em *A. zonata* não existe pubescência rosada.

Dorcasta singularis sp. n.

Fig. 4

Tegumento avermelhado ou castanho-avermelhado. Fronte e genas revestidas por pubescência esbranquiçada e densa. Lados da cabeça com duas faixas longitudinais de pubescência amarelada. Região central do vértice sem faixa de

pubescência. Antenas inteiramente castanho-avermelhadas. Protórax com cinco faixas longitudinais de pubescência amarelada: uma estreitíssima no meio, duas mais largas nos lados do disco pronotal e duas nas partes laterais do protórax, continuadas pelos mesepisternos, mesepimeros, partes laterais do metasterno, metepisterno e lados dos urosternitos. Élitros com uma faixa sutural castanho-avermelhada, muito esparsamente pubescente, iniciada na base entre o úmero e o escutelo, adelgada no quinto anterior e gradualmente mais estreitada até antes do ápice; essa faixa envolve uma fileira de setas pretas; uma faixa larga, de pubescência ocrácea, da base, ao lado da faixa acastanhada, até o ápice; essa faixa envolve uma fileira de pontos contrastantes que se inicia na base entre a faixa amarelada e a faixa sutural; uma faixa estreita da coloração do fundo representada por pontos glabros e eqüidistantes; faixa esbranquiçada da base ao sexto apical; outra faixa glabra representada por pontos; outra faixa amarelada sob os úmeros até o ápice onde se funde com a faixa amarelada dorsal; uma faixa glabra lateral com uma fileira de setas. Extremidades elitrais com espinho externo e espículo no ângulo sutural. Lado inferior do corpo e fêmeas com pubescência esbranquiçada.

Dimensões (mm). Comprimento do protórax, 1,0; maior largura do protórax, 1,2; comprimento do élitro, 5,5; largura umeral, 1,4.

Material-tipo. Holótipo macho, BRASIL, Goiás: Dianópolis, 16-22.I.1962, J. Bechyné leg. (MZSP).

Discussão. *Dorcasta singularis* não pode ser confundida com *D. dasicerca* (Erichson, 1848) que também apresenta faixas amareladas e brancas nos élitros, porque o friso sutural tem faixa amarelada; as duas faixas amareladas intercaladas pelas faixas esbranquiçadas são mais estreitas e as faixas acastanhadas são de mesma largura. Difere de *D. implicata* Melzer, 1934 e *D. quadrispinosa* Breuning, 1940 pelo aspecto da faixa sutural e da faixa branca nos élitros. É semelhante também a *D. gracilis* Fisher, 1932, descrita do Haiti, pela ausência de faixa amarela no friso sutural, mas nessa espécie os espinhos do ápice elitral são convergentes.

Paraesylacris candida sp. n.

Fig. 5

Tegumento vermelho-acastanhado. Cabeça inteiramente revestida por pubescência amarelo-acastanhada. Lobos superiores do olhos com seis fileiras de omatídeos, tão distantes entre si quanto a largura de duas fileiras de omatídeos. Lobos oculares inferiores três vezes mais longos do que as genas. Antenas revestidas por pubescência esbranquiçada esparsa; atingem o ápice dos élitros aproximadamente na ponta do antenômero IX. Escapo subcilíndrico. Antenômero III apenas mais curto que o IV. Protórax mais largo do que longo, revestido por pubescência amarelo-acastanhada com tubérculo pequeno no meio dos lados. Pronoto com três gibosidades muito discretas; pontuação evidente, os pontos pequenos e moderadamente densos. Partes laterais do protórax com o mesmo tipo de pontuação.

Élitros com a metade anterior revestida por pubescência amarelo-acinzentada com três faixas pouco contrastantes de pubescência amarelo-alaranjada e com desenhos de pubescência branca logo atrás do meio: faixa curta, oblíqua, em sentido

descendente da sutura para a margem mais ou menos ligada a outra faixa oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura; estas duas faixas examinadas em conjunto lembram uma letra V; uma outra faixa de pubescência branca no dorso do quinto apical paralela à margem quase atinge o ápice elítral. Três áreas acastanhadas longitudinais no terço posterior: uma entre as faixas brancas, uma no lado externo da faixa apical e outra paralela à margem. Crista centro-basal indicada, representada por gibosidade arredondada no topo. Extremidades obliquamente truncadas.

Pernas e face ventral recobertas por pubescência amarelo-acastanhada. Uroteronitos com faixas castanhas perto da margem lateral.

Dimensões (mm). Comprimento do protórax, 1,7; maior largura do protórax, 2,2; comprimento do élitro, 7,0; largura umeral, 2,4.

Material-tipo. Holótipo fêmea, BRASIL, Acre: Xapuri (Pimenteira), 5-7.IV. 1996, A. Brescovitt *leg.* (MZSP).

Discussão. Difere de *P. bituberosa* Breuning, 1940 pela ausência de crista desenvolvida, centro-basal nos élitros e pelos desenhos constituídos pela pubescência branca na metade apical dos élitros. Em *P. bituberosa* as faixas são longitudinais com exceção das centrais que são oblíquas e descendentes da margem para a sutura. Em *P. columbiana* Breuning, 1940, a metade apical dos élitros é inteiramente amarelo-acastanhada.

Pteropliini

Ataxia acutipennis (Thomson, 1868) **comb. n.**

Bisaltes acutipennis Thomson, 1868: 111.

Bisaltes (*B.*) *acutipennis*; Breuning, 1960: 178 (cat.); Monné, 1994a: 20 (cat.).

Como *Bisaltes* Thomson, 1864, *Ataxia* também possui cicatriz no escapo. A configuração do pronoto de *Ataxia acutipennis* permite transferir esta espécie para o gênero *Ataxia*, como já havia anotado R. C. Marinoni à margem da moldura do diapositivo do tipo de *Bisaltes acutipennis*: “= *Ataxia prolixa* Bates”. Estamos seguros que *B. acutipennis* deve ser transferida para *Ataxia*, mas não se pode afirmar que se trata de um sinônimo de *A. prolixa* (Bates, 1866).

Onciderini

Hesycha Fairmaire & Germain, 1859

Hesycha Fairmaire & Germain, 1859: 523; Monné, 1994b: 18 (cat.)

Falsetola Breuning, 1940: 155; Monné, 1994a: 13 (cat.). **Syn. n.**

Estolosoibra Breuning, 1943: 41; Breuning, 1971: 251 (Syn.).

Ao examinar-se o diapositivo do holótipo, fotografado por J.S. Moure no Museu de Paris de *Falsetola inermicollis* Breuning, 1940 (Apomecynini), constatou-se que pertence ao gênero *Hesycha* da tribo Onciderini. Embora não se tenha examinado *F. strandi* (Breuning, 1943), da Venezuela, que é a outra espécie incluída em *Falsetola* por Breuning (1971), julga-se apropriado também transferi-la para *Hesycha*.

Hesycha inermicollis (Breuning, 1940) **comb. n.**

Falsestola inermicollis Breuning, 1940: 115; Monné, 1994a: 13 (cat.).

Hesycha ocellifera Martins & Galileo 1990: 74, figs 1, 33; Monné, 1994b: 19 (cat). **Syn. n.**

O holótipo de *Falsestola inermicollis*, descrito de Santo Antonio da Barra, hoje Condeuba, Bahia, é uma fêmea na qual os tubérculos anteníferos não são projetados como nos machos com tubérculos curtos e muito agudos.

A espécie ocorre no Brasil, da Bahia ao Paraná e na Argentina, Misiones.

Material examinado, além da série-típica de *Hesycha ocellifera*. BRASIL, *Espírito Santo*: Linhares, macho, X.1972, P.C. Elias *leg.*; São Paulo: Atibaia, macho, X.1969, J. Halik *leg.*; Barueri, macho, IX.1954, K. Lenko *leg.*; macho, X.1965, K. Lenko *leg.*; macho, fêmea, XI.1966, K. Lenko *leg.*; Campinas, macho, IX.1937, H. Sauer *leg.*; Itu (Fazenda Pau d'Alho), fêmea, IX.1959, U. Martins *leg.*; Osasco, fêmea, XI.1964, M.A. Vulcano *leg.*; São Paulo (Brooklin Paulista), fêmea, X.1966, L. Travassos Filho *leg.*; *Santa Catarina*: Seara (Nova Teutônia, 27°11'S, 52°23'W), macho, XI.1934, F. Plaumann *leg.*

Hesycha strandi (Breuning, 1943) **comb. n.**

Estolusybra strandi Breuning, 1943: 41.

Falsestola strandi; Breuning, 1971: 252; Monné, 1994a: 13 (cat.).

AGRADECIMENTOS. Ao Dr. Renato C. Marinoni, Universidade Federal do Paraná, pelo empréstimo dos diapositivos dos tipos. Ao bolsista de Iniciação Científica, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, Jorge Dutra Soledar, pela execução das fotografias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATES, H.W. 1866. Contributions to on insect fauna of the Amazon Valley. Coleoptera. Longicornia. **An. Mag. Nat. Hist.** (3) **17**: 31-42.
- . 1885. **Biologia Centrali-Americana. Insecta, Coleoptera, suppl. to Longicornia.** London, **5**, p. 249-436.
- BREUNING, S. 1940. Novae species Cerambycidarum. IX. **Folia Zool. Hydrobiol.**, Riga, **10**: 115-214.
- . 1942. Novae species Cerambycidarum. XI. **Folia Zool. Hydrobiol.**, Riga, **11**: 113-175.
- . 1943. Novae species Cerambycidarum. XII. **Folia Zool. Hydrobiol.**, Riga, **12**: 12-66.
- . 1960. **Catalogue des Lamières du Monde (Col., Cerambycidae).** 3 Lief. Tutzing bei München, Mus. G. Frey, p. 109-182.
- . 1971. Révision des espèces américaines de la tribue des Apomecynini Lac. (Coleoptera, Cerambycidae). **Entomol. Abhand. Staat. Mus. Tierk.**, Dresden, **37** (3): 209-235.
- FAIRMAIRE, L. & P. GERMAIN. 1859. Révision des coléoptères du Chili (suite). **Ann. Soc. ent. France**, Paris, (3) **7**: 483-532.
- GALILEO, M.H.M. & U.R. MARTINS (no prelo). Notas sobre *Amphicnaeia* Bates, 1866 (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae) com revalidações e descrição de espécies novas. **Revta bras. Ent.**, Curitiba.
- CHEMSAK, J.A. & E.G. LINSLEY. 1970. Additional designations of lectotypes of neotropical Cerambycidae in the collections of the British Museum (Natural History) (Coleoptera). **Jour. Kansas Ent. Soc.**, Manhattan, **43** (4): 404-417.
- MARTINS, U.R. & M.H.M. GALILEO. 1990. Onciderini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae):

- sinonímias, novos táxons, chaves e notas. **Papéis Avuls Zool.**, São Paulo, **37** (4): 53-95.
- . 1999. Sobre algumas espécies de Lamiinae (Coleoptera, Cerambycidae) da Colômbia com garras tarsais divergentes. **Papéis Avuls Zool.**, São Paulo, **41** (5): 67-81.
- MONNÉ, M.A. 1994a. **Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Western Hemisphere Part XIV**. São Paulo, Soc. Bras. Ent., 72p.
- . 1994b. **Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Western Hemisphere Part XV**. São Paulo, Soc. Bras. Ent., 108p.
- THOMSON, J. 1868. Matériaux pour servir a une révision des Desmiphorites (Lamites, Cérambycides, Coléoptères). **Physis Rec. Hist. Nat.**, Paris, **2** (6): 101-146.

Recebido em 14.II.2001; aceito em 26.X.2001.